"Freedom"
127 Ossulston Street 127
Londres
Inglaterra

APPARECE TODAS AS QUINTAS-FEIRAS

NA BARRICADA

Jornal de combate e de critica social

«QUEM VAE A UMA BARRICADA PRECIZA LEVAR, ALÉM DE UMA ESPINGARDA NA MÃO, UMA IDEIA NO CEREBRO»

ANNO I — NUMERO 15

Redacção e administração — Rua do Rosario Nº 170

Director: Orlando Corrêa Lopes

Brazil — Rio de Janeiro, 16 de Setembro de 1915

Assignaturas

Brazil — anno. . . 5$000 — Exterior — anno. . . . 7$000

Numero avulso 100 rs. — Numero atrazado 200 rs.

Int. Instituut Soc. Geschiedenis Amsterdam

Collaboração

São collaboradores effectivos de "Na Barricada": **Lopes Trovão, Fabio Luz, Pedro do Coutto, Coelho Lisbôa, José Oiticica, Carlos de Vasconcellos, Campos de Medeiros, Sampaio Ferraz, Hermes Fontes, Domingos Ribeiro Filho, Theodoro de Magalhães, Reis Carvalho, Mauricio de Lacerda, Sarandy Raposo, Silva Marques, etc.**

NA BARRICADA

O acontecimento culminante do momento é a morte do senador Pinheiro Machado. O mundo official lhe prestou honras excepcionaes, e a grande maioria da nossa imprensa, que o combateu furiosamente em vida, proclamando-o o homem mais nefasto do paiz, o responsavel unico por todas as desgraças que nos acabrunham, fez côro com os que choraram a morte do caudilho, absolvendo-o de todos os seus crimes, esquecendo-lhe o passado, exaltando-lhe qualidades, que não possuira, e chegando mesmo a glorifical-o. Para nós, porêm, a morte a ninguem absolve, pelo que o senador Pinheiro Machado, morto, continúa a ser o mesmo Pinheiro Machado vivo, o mesmo caudilho voluntarioso e audaz, o mesmo homem sinistro, o mesmo degolador de [illegible] campinas rio-[illegible] protector dos [illegible] Thezouro Nacional, o bombardeador de Manaus, o orientador dos jagunços do padre Cicero, a alma do quatriennio passado, o creador da candidatura do Dudu á uma cadeira do Senado, o commensal dos Nery, dos Lemos, dos Accioly, o chefe, emfim, dessa quadrilha de malfeitores que se apossou da direcção do paiz e o transformou nessa infamia que ahi se ostenta aos olhos do mundo como uma coisa abjecta, despresivel.

Não lhe choramos a morte, e tampouco lhe applaudimos o assassinato, que a violencia nada edifica, mas, se de nós dependesse a sua ressurreição, por certo, que não a fariamos. Cada um tem um destino a cumprir na vida; elle cumpriu o seu. Espalhou a desolação e a morte, fez correr um rio de sangue e de lagrimas, desmantelou muitos lares felizes, mergulhando-os na viuvez e na orphandade, e tudo isso em defeza dos seus interesses individuaes, que sempre confundiu com os interesses da republica; logico era, portanto, que um dia baqueasse, como baquearam as suas victimas.

Entrou para a politica simples tropeiro e morreu muitas vezes millionario. E facto estupendo! á proporção que enriquecia, empobrecia a nação que elle governou discrecionariamente; e justamente, quando o Thezouro Nacional se nos apresenta raspado até ao fundo, o commercio e a industria completamente fallidos, eis que é o antigo tropeiro quem, com parte dos seus milhões, paga um coupon da divida publica, na importancia de mil contos de réis!

Este facto é bem significativo e nos faz lembrar o testamento de Vicente Machado, ex-governador do Paraná, que tanto escandalo produziu na imprensa brasileira. Entretanto, se o apresenta como uma demonstração do patriotismo do «grande estadista brasileiro»!

Não, a historia do caudilho não é essa que se está a fazer em presença do seu corpo ainda quente; a posteridade ha de julgal-o com justiça, sem odios, mas sem o sentimentalismo e a hypocrisia dos seus panegyristas.

Orlando Corrêa Lopes

⁂ A 13 do corrente, confórme estava annunciado, realizou-se a sessão de posse da nova directoria da União dos Estivadores.

Foi uma verdadeira festa de fraternidade do operariado desta capital, pois á sessão compareceram representantes de quasi todas as associações operarias do Rio de Janeiro.

Presidiu a sessão o dr. Caio Monteiro de Barros que produziu uma vibrante oração, entregando as chaves de um predio dado em usofructo pela associação, a viuva de um associado, ultimamente assassinado pelos «carbonarios».

Segunda carta ao dr. Silva Marques

Meu caro confrade.

E' verdadeiramente uma delicia discutir assumptos scientificos nessa atmosphera de amizade e finura a que nos levam a mutua sinceridade e o firme desejo de acertar.

Eis porque volto a conversar sobre o magno problema da futura organização social.

Sua carta me causou dupla alegria.

Primeiro, porque vejo ter-lhe calado fundo no espirito o exame que lhe propuz de uma analyse ao Codigo Penal, para verificar as *causas dos crimes* e sua extensão aos vicios sociaes de toda a sorte.

Os criminalistas vão buscar essas fontes nos factores anthropologicos, psychicos e tambem sociaes, sem contudo apontarem os verdadeiros factores sociaes.

V. não me respondeu ao essencial da minha carta; silencia absolutamente sobre a exactidão ou inverdade do meu theorema e se apega a affirmações accessorias, deixando o *facto* para ater-se a theorias.

O que lhe propuz foi o seguinte: as causas fundamentaes dos crimes e vicios humanos, portanto do *mal* humano, são o *dinheiro* e o *amor*, isto é, as formas capitaes da *propriedade particular*.

V. deveria replicar-me demonstrando que não, que o dinheiro, isto é, a ambição de accumular riqueza produzida por todos, com a possibilidade de o fazer, não concorre para o crime; que o amor-propriedade, o amor-negocio, o amor-contracto, o amor-encargo, todas as formas ominosas do amor regulado por lei, não é a origem dos crimes (incestos, abortos, infanticidios, assassinios, suicidios, adulterios, etc.) e de vicios detestaveis (prostituições onanismo, saphismo, etc.).

Depois deveria demonstrar que a sociedade actual não garante por lei grande numero de crimes e vicios decorrentes desse regimen: (advocacia, tabelionatos concessões, jogo, prostituição, commercio, agiotagem, usura, etc.).

Emfim demonstraria que, supprimida a propriedade particular, não cessaria a causa da maioria dos crimes e dos vicios.

V. poderia [illegible] que, na [illegible] pois [illegible] eza [illegible] impossibilidade de fazel-o, V. se arrima em Hobbes e affirma que tem a prova da *historia* e da *experiencia*.

Ora, meu amigo, a prova da *historia* e a da *experiencia* não valem nada neste caso. Eu affirmo que o regimen da *archia* é a causa do *mal* e V. nega, dizendo que a *historia da sociedade archista* mostra que o mal sempre existiu. Podera!

Como poderia a historia provar o contrario, se a historia é exactamente a vida dos homens sob o regimen da propriedade particular?

Se V. tomasse a historia de uma sociedade communista, como a entendem os anarchistas, e mostrasse que nella os mesmos crimes e vicios apparecem, teria dado a prova procurada. Mas servir-se da historia da sociedade que combatemos para concluir contra uma accusação a essa sociedade, ao seu regimen de propriedade, apontado como a causa do mal, é contraproducente, é um sophisma calvo de mais.

A experiencia de qualquer de nós ou dos nossos antepassados nada vale.

V. tem feito muitos beneficios em dinheiro e serviços, e, em troco, recebe ingratidões. Isso, meu amigo, prova apenas que a nossa sociedade é tão ruim que os nossos irmãos precisam de *beneficios* nossos, precisam da caridade uns dos outros. V. não reflectiu, por não se ter compenetrado da doutrina anarchista, em que a *caridade* é positivamente uma *vergonha*, uma humilhação inflingida a um companheiro que muitas vezes estende a mão aos seus proprios algozes, inferiores em talento, em illustração, em caracter.

Peço-lhe licença para ponderar-lhe que os seus beneficios foram um grande mal. V. confirmou, apoiou, intensificou o regimen da caridade, que é sempre *esmola*, que é sempre *favor*, esquecido de que na terra deveriamos ser todos iguaes, deveriamos corar termos de soccorrer ao proximo. A sociedade deveria estar organizada de tal modo que fosse dispensado o *beneficio*, e todos tivessem igual direito ao pão, á instrucção, ao prazer.

A caridade é uma valvula de segurança sustida pelos exploradores. Se os ricos, durante uma semana, fechassem completamente a sua bolsa, teriamos a formidavel revolução do proletariado trabalhador, na reivindicação dos seus direitos.

A caridade serve, para esses inconscientes, educados, ha seculos, no regimen do respeito á propriedade particular, de alivio e esperança contra o desespero. Essa caridade, porem, é mantida com as *sobras*, são as migalhas cedidas a Lazaro, para impedir-lhe o assalto. Ser caridoso é concorrer para essa vilania, essa grande e divina Infamia.

Sua experiencia, demais, nada prova contra o meu asserto.

Prova, tão sòmente, que a sociedade actual não presta.

Sua experiencia é feita *dentro desta sociedade* e se V. encontra homens ingratos e ruins, como vae concluir contra a minha affirmação de que o regimen actual é que os faz ruins?

Comprehenda, meu amigo, que, sem a propriedade particular, os seus *beneficios* seriam inteiramente dispensaveis e que portanto *ninguem seria ingrato* para com V.

A ingratidão não existiria. Os ingratos, esses *homens maus* passariam a ser, naturalmente, *homens bons*. Elles só existem, porque existem os *beneficiadores*; os beneficiadores só existem porque existem ricos e pobres; estes só existem porque existe o *dinheiro*; e o dinheiro é a propriedade subdividida, accumulavel por alguns, apossada pelos mais espertos, pelos mais ladrões, pelos mais tyranos.

Porque, meu amigo, nós todos somos, mais ou menos, *ladrões*.

A sociedade nos educa no *furto ao trabalhador*.

O commercio é o furto organizado e mutuo. Rouba o medico, o dentista, o advogado, o empreiteiro, o funccionario publico, o sacerdote, o mais *honrado* capitalista. Roubamos, todos *dentro da lei*.

V. ha de concordar commigo que o deputado que recebe diariamente 100$000, sem fazer nada, rouba ao lavrador que trabalha o dia inteiro. Dentro da lei, *feita por elle mesmo*.

A prosperidade no commercio é o resultado de pequeninos furtos diarios; e o commercio, esse formidevel disperdicio de energias humanas, em que pese á economia politica dos commerciantes, essa vergonha humana, é resultado da propriedade particular.

A segunda alegria causada pela sua carta vem de perceber eu a marcha rapida do seu espirito para o anarchismo.

Falta-lhe apenas conhecer o anarchismo, embora V. tenha lido os autores anarchistas. Uma cousa é ler e outra apprehender. V. leu esses autores com o espirito de jurista e esse espirito estragou-lhe a leitura.

Sinto, porem, que o seu caracter é tão puro, tão precioso, tão fundamentalmente bom que não pode rejeitar o anarchismo, desde que o conheça e o sinta.

Confesso que isso não é facil. Certas proposições do anarchismo chocam profundamente os nossos habitos mentaes e sociaes. Cumpre passar pelo processo de uma iniciação, tanto mais difficil quanto a *doutrina anarchista* não foi até hoje systématizada.

Essa systematização eu a tentei e creio ter chegado a realizal-a definitivamente, nos seus pontos capitaes e um dia a publicarei [illegible] de *Sys[illegible] logia* [illegible] "Na Barr[illegible] [illegible] titulos: *O desperdicio da energia feminina* e *Catecismo anarchista* (incompleto).

V. se espanta de haver eu substituido ao fundamento *amor* o fundamento *solidariedade* na doutrina da sociedade.

E' claro que nos livros anarchistas encontrará v. a palavra *amor* muito empregada; nunca a encontrará porém no sentido que a *amor* attribuiu a moral burgueza: amor divino, amor do proximo com recompensa celeste, amor do proximo por mero *altruismo*. Os anarchistas se referem sempre ao *amor-solidariedade*. E' um amor muito differente do *amor* pregado por Christo.

Demais o amor-altruismo não póde ser, de fórma alguma, a base da sociedade. Póde concorrer, quando muito, para a realização de *alguns factos sociaes*.

Exemplos: associo-me com a casa Creuzot para fabricar metralhadoras; é um facto social, ha nelle a *solidariedade* economica e não amor; fundo uma instituição de pesquizas historicas, é um facto social, onde existe a *solidariedade* intellectual e não amor ao proximo; organizo um club musical ou sportivo, é um facto social, derivado de uma *solidariedade para o goso* e não do amor ao proximo.

Ora, se o amor-altruista não produz a maior parte dos factos sociaes, como se póde invocar o altruismo para fundamento da organização social?

Diz v. que nesse caso o movel é o *interesse* e então voltamos á doutrina utilitaria da escola ingleza.

Perdoe-me o illustre amigo.

Não confunda o utilitarismo anarchista (digamos assim) com o utilitarismo de Bentham.

Na academia de direito fui sempre um admirador de Bentham, cujas obras li com soffreguidão. Foi o estudo dellas um dos pontos de partida do exame minucioso que procedi na organização social.

Não encontrei nunca nos seus refutadores *archistao* argumentos serios contra elle. Todavia não pude acceitar nunca os seus ensinamentos.

Hoje, comprehendo a razão do meu embaraço. Estava todo em que elle penetrou bem fundo no mechanismo social, mas seu ponto de vista erao do burguez, o do capitalista e elle tinha de justificar o mechanismo vicioso, embora propondo innumeras reformas.

O utilitarismo de Benthan se baseia na propriedade particular e, para os que a admittem, é irrefutavel como doutrina social, mesmo quando defende a usura. O utilitarismo anarchista se baseia na riqueza collectiva, na sua producção, poupança, distribuição, etc. São radicalmente differentes: um viza o interesse particular, o outro o interesse collectivo. E' interessante, porém, notar que, no primeiro, o individuo soffre porque a distribuição se faz injustamente e, no segundo, o individuo goza porque o interesse collectivo, é, na realidade, o interesse individual dentro da justiça.

Finalmente, o illustre amigo não vê differença radical entre o anarchismo e o socialismo desde que o anarchismo condemna em absoluto a propriedade particular. Nesse caso acha V. que o anarchismo cae no regimen do socialismo de Estado, que V. condemna (com toda a razão) como o mais insupportavel dos despotismos.

V. labora no mesmo engano de Pedro do Coutto. A sua conclusão evidencia a sua ignorancia (perdôe-me a franqueza) da doutrina anarchista.

Esta carta vae longa. Comprometto-me, meu amigo, a esclarecer-lhe em outra o que seja o communismo anarchista e mostrar como diverge radical, profunda e irreconciliavelmente do systema socialista.

Ex-corde.

JOSÉ OITICICA

Guerra e emancipação

O sentimento de patria é uma questão de inexcedivel importancia, quando se trata dos problemas sociologicos. Elle constitue presentemente, de uma fórma real e indiscutivel — a religião universal.

Os homens acham-se divididos por infinidades de religiões, seitas, partidos, doutrinas e escolas, mas o deus do patriotismo impera sobre todos com a arrogancia de sua supremacia absoluta. Mesmo entre os homens que professam idéas de cosmopolitismo sóe este tyranno implantar discricional dominio. Pode-se abrigar idéas amplas, propagar a fraternidade dos povos; porém, desde o momento em que se começa a agitar a bandeira da independencia nacional, a empolgar a alma das massas populares com o clarim da altisonante verborhagia dos charlatães burguezes, convocando os homens á defeza de seus lares, da honra das suas familias, das suas liberdades (defeza e liberdades que nunca existiram), o fanatismo patriotico, feito carne nos filhos de cada paiz, explode, e a besta humana apparece exhalando odio por todos os póros, disposta a fazer officio de magarefe nos campos de batalha onde os humanos se degladiam.

Alguem disse que o amor á patria não exclue o amor á humanidade. Ao contrario, parece que o amor á humanidade não exclue o amor á patria. Com effeito, não faltam internacionalistas libertarios que procuram demonstrar e defender a existencia da unidade nacional.

[illegible] está o criterio racional e lo[illegible] Qual será o facto real, insophismavel que inspira tão estranha premissa? Será a civilização burgueza opposta á civilização operaria ou, ainda mais, á libertaria?

Será o idioma official, imposto ás populações de diversas origens, com suas linguas ou dialectos que estão longe de se harmonizarem com a lingua estatal? Será a unidade politica imposta pela lei e pela força a muitos povos que têm costumes differentes, tendencias sociaes que lhes são peculiares, ou habitam regiões separadas por enormes distancias e relevos quasi infranqueaveis? Não se mantém em todas as nações uma tendencia para a autonomia das provincias e dos municipios, provocando movimentos separatistas? Não é contra a centralização e unificação nacional dos diversos elementos de vida social que surge espontaneamente a luta das populações regionaes pelo triumpho do principio autonomista ou federalista?

O principio das nacionalidades é arvorado pelos cavalheiros da classe parasitaria, não para respeital-o, mas simplesmente para manter a constituição das nações politicas e artificiaes. Elles sabem perfeitamente que não é possivel a existencia de nações ou estados politicos sem elementos de ataque e de defeza, e que a defeza da nacionalidade equivale á defeza de todas as instituições do despotismo e do privilegio.

Que o amor da patria não exclue o amor á humanidade é um embuste que os factos estão ahi a negar, com toda a eloquencia das desastrosas guerras que são o maior flagello da humanidade.

O amor da patria, no sentido vulgar da palavra, é um sentimento de egoismo irracional e cruel, ao qual não escapa a brutal aspiração da posse exclusiva de determinada região e da ampliação ou engrandecimento desta em detrimento das outras, e o desejo que qualquer povo tem de criar uma situação privilegiada, sacrificando os seus vizinhos.

A patria é alguma coisa da qual nos julgamos parte integrante, é considereda como carne da nossa carne.

Fortalecer-se no interior e esmagar o inimigo de alem fronteira, tal é a paixão e a aspiração commum dos patriotas, a synthese do pensamento e do sentimento nacionaes.

O sentimento patriotico é o elemento mais dissolvente entre os proletarios e mesmo entre os anarchistas, facto que se póde verificar nas cidades cosmopolitas: agrupam-se pela afinidade de idiomas, de costumes, formando «capellinhas» e hostilizam-se, julgando cada grupo ser melhor que os outros.

Com razão os magnatas de todas as épocas recorreram, como recorreu Augusto Comte, á religião da patria para que servisse de ancora de salvação das instituições reaccionarias, quando as outras religiões ameaçavam fallencia. Uma vez mais se confirma que o patriotismo é o ultimo refugio dos infames.

Proseguiremos.

Primitivo Soares

Louvores á monarchia

Ha, entre nós, certo desconhecimento da historia do paiz; as camadas inferiores quasi a ignoram por completo e os homens de intelligencia olvidam-n'a depressa, desprezando-a, abandonando-a.

Dest'arte, facil è ouvir-se o encomio exagerado ao passado do Brazil ou escutar-se o apodo ao regimen presente, com exaltamento da fórma governamental desapparecida em annos não remotos. Ataca-se a republica pelas especulações e immoralidades dos bandoleiros que não a prezam e dos velhacazes que a desfructam, e procuram se á monarchia enaltecimentos de correcção administrativa e pureza de gestão.

A'quelles que se volvem a entoar loas á realeza vale relembrar que Nabuco uma vez lhe consagrou essas palavras expressivas:

«O governo do Brazil, que alguns chamam — constitucional representativo — não passa de um governo absoluto, como o da China e o do Japão. A coroa de S. M. não tem menos autoridade que o turbante do chefe dos crentes».

Havia razão na affirmativa do politico do imperio porque o unico poder dominante no paiz era o *poder pessoal* do rei; era o throno. Todas as vontades, todas as aspirações populares ficavam esmagadas ante as imposições do monarcha, que movia a seu talante a representação nacional, cujas camaras ganhavam unanimidade segundo o partido a que perteneia o ministro chamado a presidir os conselhos da corca. «Isto quer dizer — escrevia um partidario do imperio — que só ha um poder estavel, que o art. 12 é uma mentira, que as delegações todas são do throno, que o trono é a chave da abobada, é a claridade que alumia o edificio, o sol que dá calor a todos os poderes, o centro e a circumferencia de toda a autoridade publica, não a parasita que se [illegible] nacional, mas a [illegible] parasita da olygarchia».

E foi esse poder pessoal que desenvolveu na direcção do Brazil a «perfidia, a corrupção e a mentira» a que aludia o sr. Ferreira Vianna; foi esse poder pessoal que fomentou a politica do «deficit», estado normal do estado financeiro da nação!

Não se diga que a republica trouxe a ruina economica do paiz, quando o veso dos emprestimos data da epoca «lidima» do scepetro e do papo de tucano. Em 1882, o sr. Martinho Campos expunha, nestes termos, a situação do Brazil: «Não ha razão para que o Estado pague juros maiores do que pagam os bancos aos particulares; nada justifica isso senão a necessidade e a contingencia desgraçada em que os governos se tem collocado de *prover todos os annos*, por novos emprestimos, os *deficits*, algumas vezes extraordinarios, do orçamento annual».

As grandes e incomparaveis administrações monarchicas, elogiadas hoje, por impostores que, insaciaveis, querem os melhores postos e esbravejam contra a republica, que lhes não tem satisfeito todas as ambições; os governos extraordinarios do imperio, em cujos orçamentos se nutriam os pantomineiros que, a 15 de novembro, entraram a adherir á democracia nova, espoliando os propagandistas sinceros do systema proclamado; os afamados gabinetes da coroa, actualmente, por calculo, recommendados e applaudidos, assignalaram a desordem, a ruina, a miseria de uma vasta nação «traida vilipendiada», de um estado de cousas «baralhado, rebaixado, prostituido», na incisiva apostrophe do sr. Amaro Bezerra.

Folheem-se os annaes do parlamento brazileiro; manuzeiem-se as publicações de outras epocas do Brazil e ter-se-á a convicção de que é falaz essa prosperidade da patria em um «reinado que não passou de uma comedia».

O visconde de Nictheroy, ministro de Pedro 2º, explicava a desaggregação moral das cousas do imperio com esta phrase allusiva: «Nasce de cima a corrupção dos povos». No animo dos homens do segundo reinado houve sempre a consciencia de que os mãos destinos da nossa terra provinham da politica do Bragança, intervindo nos negocios da nação, desmascaradamente, e fazendo triumphar exclusivamente o seu desejo, a sua opinião, o seu pensamento. Tal a razão de Eusebio haver proferido aquelle celebre dito: «Um homem de bem não póde ser duas vezes ministro com o imperador».

Parece que se não póde encontrar mais caracteristico relevo de mal estar no serviço dos gabinetes monarchicos; no conceito do estadista, o libelo de um rei e a maldição de uma corôa. — Um adversario do throno não lhe faria melhor autopsia, não lhe operaria tão retalhada dessecção; naquella exprobação condensam-se as criticas mais acerbas ás esquecidas perfidias da louvada dynastia.

A ignorancia da historia patria faz brotar desconchavados reclamos ao segundo reinado, que recebeu grandes golpes e profundas censuras dos serviçaes do paço e aulicos da coroa. E como, nas escolas, os compendios escasseiam os episodios e reproduzem, pessimamente, factos, sem apreciação ponderada, as gerações vão se formando, alheias ao nosso passado e insciente da vida e feitos dos nossos homens.

Se melhor fossem estudados os acontecimentos desenrolados no paiz, mórmente os successos occorridos depois da sua autonomia, não se ouviriam as heresias que, por ahi, proferem sobre cousas nacionaes, nem se atreveriam certos sujeitos a tecer lôas a um cyclo deslustrado da nossa existencia politica.

Afirma-se, presentemente, uma invejavel conducta na epoca do segundo imperio, e, até, no proposito de encantamentos dynasticos, já se tentaram louvores extremos ao filho de d. João 6º, o aventureiro rebento do fujão e acanhado monarcha portuguez.

Para Pedro I, a bajulação buscou a [illegible] de defensor perpetuo [illegible] de a dissolução da constituinte de 1823 até aos seus ultimos desvarios, que motivaram o patriotico 7 de abril, movimento honroso aos brasileiros de 1831. De Pedro 2º quer se lhe ver o reinado incorruptivel e sem macula. Entretanto, é no seu tempo que um general como Caxias, arrancado do seu repouso, já coberto de glorias, acudindo por um convite real, a combater nos campos do Paraguay, recebe os maiores ataques de um jornalista indignamente subsidiado pelo thesouro publico, é do seu tempo que data asubserviencia parlamentar, relatada nestas palavras attribuidas ao sr. Silveira Martins: «a camara dos deputados é creatura do governo; no senado está enthronizada a ignorancia; os ministros só fazem o que o imperador quer».

Dispam-se as roçagantes roupagens com que envolvem a effigie da monarchia, os propaladores de grandezas fantasiadas do passado regimen em que tudo se movia ao «dedo mysterioso» aludido pelo sr. Affonso Celso; o imperio jámais superabundou de excellencias que expliquem o menor respeito e o mais leve acatamento ao throno bragantino, Se algo valesse em merito, não teria se esboroado com desinteresse dos proprios palacianos, desacreditado, alascado, sem apoio algum na opinião geral.

E, pois, os censores do systema actual estudem a nossa historia, antes de traçar parallelos descabidos, apreciem os tempos antigos e observem os tempos modernos; verificarão que os males da hora presente não residem na republica, porém, nos typos que a profanam, sem convicções de especie alguma, vindos da realeza ou educados sob os habitos monarchicos, dirigindo, governando desde o momento em que o adhesismo começou a deturpar a obra da revolução, conforme bem presentiu o padre João Manuel.

Os encomiastas da corôa, revendo a epoca imperial através os depoimentos dos seus servidores, moderarão, naturalmente, os impetos de armar effeito com balofas louvaminhas e apologias fementidas ao predominio dynastico.

THEODORO MAGALHÃES

Congresso Anarchista Sul-Americano

A commissão organizadora continúa recebendo adhesões, tanto do interior como do exterior do Brazil.

A's sextas-feiras, no centro de Estudos Sociaes, e aos domingos, em reuniões especiaes, os anarchistas desta cidade têm tratado de assumptos referentes ao congresso, trabalhando pelo seu exito e efficacia pratica.

Amanhã, no Centro de Estudos Sociaes, mais uma reunião se dará com este fim, sendo convidados todos os libertarios do Rio de Janeiro a accudirem ao chamamento, pois que o tempo è pouco e ha serias deliberações a tomar.

A séde do C. E. S. é na praça Tiradentes 71.

Expediente de "Na Barricada"

ASSIGNATURAS

PARA O BRASIL

1 anno	5$000
6 mezes	3$000

PARA O EXTERIOR

1 anno	7$000
6 mezes	4$000

Numero avulso 100 rs. — Numero atrasado 200 rs.

AS ASSIGNATURAS COMEÇAM EM QUALQUER DIA DO MEZ

Gerente - J. Gonçalves da Silva

Nota — Todas as importancias devem ser enviadas pelo correio, em vale postal ou carta registrada, ao gerente e para a Rua do Rosario, 170 - sobrado.

Agentes — Acceitam-se agentes nas capitaes e cidades do interior, concedendo-se-lhes 25 % de commissão, correndo por conta da administracção todos os gastos da remessa e devolução de exemplares. Liquidação mensal.

Dirigir-se a J. Gonçalves da Silva, á rua do Rosario, 170.

NOTA Á MARGEM

Folgo em annotar á margem da resposta de Silva Marques os seguintes topicos:

Julgo possivel melhorar a humanidade... applaudo e estimulo a obra dos anarchistas. Sei que não poderão realizal-a por completo, porque nenhuma doutrina conseguirá impor-se integralmente. . se o anarchismo conseguir reduzir as funcções do Estado já terá feito muito.

Esse *Estado* (que é o *Governo* de Pedro do Coutto) tem perdido um sem numero de prerogativas e gradualmente vem sendo reduzido ao seu minimo em funcções.

Emquanto Silva Marques aspira á reducção ao minimo do poder do Estado, Pedro do Coutto gyra no circulo vicioso que estabeleceu para argumentação, fazendo cavallo de batalha da palavra *Governo*, contando com elle, *como contará sempre com a lei da gravitação universal.*

A natureza do governo é que é discutivel, diz elle; dahi o negal-o é que é erroneo.

Quem nega o governo? Se o negassem os anarchistas, não o combateriam, nem lhe attribuiriam os males presentes da humanidade. Reconhecem os anarchistas sua execrada existencia e o combatem na sua mais concreta representação — o Estado — com sua malefica engrenagem — Policia, Ministerios, Justiça, Casa de fabricação de leis, Presidios, etc.

Seria quichotada combater moinhos de vento.

Serve-se o notavel esgrimista da palavra do argumento historico; a lição é proveitosa; mas a Historia ensina que o dominio dos mais fortes, dos [illegible] e herões [illegible] gradativamente sub[illegible]tuido pelo [illegible]overno dos mais habeis.

Do absolutismo dos chefes de exercitos chegamos á dictadura regulamentada das republicas presidenciaes e ao constitucionalismo dos imperios modernos.

O poder do Estado, o poder dos governos, nas suas proprias constituições, vae cada vez mais sendo cerceado pelas garantias dadas ao individuo, na liberdade de externação de pensamento, de locomoção, de commercio e nas outras garantias de domicilio, de manutenção de posse, de *habeas corpus*, de exercicio de culto religioso, de reunião etc.

O Estado moderno, isto é, o governo, cada vez perde maior somma de poder.

Nesse progresso da liberdade, que tambem é um facto historico, não está a tendencia constante, na propria variedade dos phenomenos sociaes, para a annullação futura e para o gradual desapparecimento da funcção do Estado, isto é, da funcção governamental?

Essas modificações vêm registradas no vibrante artigo do illustre homem de letras, ainda eivado de muito republicanismo, quando confessa a possibilidade *(a quem dos limites mathematicos)* da *modificação dos governos lenta mas seguramente*, embóra expli que a existencia delles como *contingencia fatal*.

Essa *contingencia fatal* é o outro nome que tem a emanação divina dos poderes governamentaes dos reis, predestinação ou cousa parecida — com o rotulo latino de — *Omnis potestas a Deo* (todo poder vem de Deus), com que se tornaram inviolaveis e sagradas as pessoas dos imperantes, ungidas pelo oleo santo, representantes de Deus na Terra, por uma *contingencia fatal* de familia ou de *actas falsas*.

E' o mesmo poder de origem divina que não podia ser modificado, nem suppresso pelo homem, mas que historicamente se veiu desmoralizando e vae a caminho da completa annullação.

Não é a *precisão nitida* e *cada vez maior* dos *conceitos de governo, de patria e de propriedade* o que observamos: não.

O que se registra cada vez mais accentuadamente é a tendencia á diminuição das funcções e attribuições governamentaes, como acima dissemos; é o conceito de patria atenuando-se na confraternização dos povos, na universalidade das sciencias, no intercambio monetario, na troca internacional dos productos industriaes e agricolas, na desnacionalização da navegação e do commercio; é a propriedade individual desapparecendo para constituir propriedade do Estado, isto é, propriedade commum, ou propriedade de grandes companhias exploradoras, organizadas sem preoccupações nativistas, patrioticas ou regionaes, pertencentes a individuos nascidos em pontos diversos do globo terraqueo.

A propriedade territorial e a propriedade predial urbana não são do individuo exclusivamente; para gozal-a como dono tem que pagar laudemios, acrescidos, marinhas, dizimos, imposto predial, de transmissão de propriedade (quando deseja traspassal-as a outrem) ao Estado, que no fim as confisca, quando bastante oneradas de impostos, para cobrança de debitos. A propriedade é da communidade hoje, representada pelo Estado, que a arrenda ao particular com tanto que este concorra para o calçamento das ruas, para a illuminação, para o abastecimento dagua, para a conservação das estradas, para a construcção de vias-ferreas, etc.

Bem vê o amigo Coutto que o Estado vae lentamente executando uns tantos desideratos comministas e que a transformação, se é *lenta*, é com certeza *segura* e constante, com diminuição progressiva das regalias governamentaes, substituidas pelos direitos individuaes conquistados pela plebe, os falados e rethoricos direitos do homem.

Rio, 11 de Setembro 1912.

FABIO LUZ

O QUE PENSO

Dizem os que impugnam a affirmação de que a noção do governo é inherente ao homem, que eu dou uma accepção differente da commum ao vocabulo governo, e dahi a divergencia, mais apparente do que real, entre os anarchistas e eu. Ora, não dou absolutamente tal accepção — nem por erro etymologico, nem por deslealdade na discussão. Entendo por governo toda a direcção, e, em se tratando da sociedade, o commando que a esta é dado por um ou mais homens. Governo é, pois, orientação, direcção, commando, centro de convergencia de esforços individuaes.

Esta interpretação é a de toda a gente, inclusive os anarchistas, que a não repudiam, desde que tome a fórma de *competencia livremente acceita*.

Não ha, como se vê, nenhuma maneira nova de encarar a palavra, como dizem alguns anarchistas eu faço. Eu a emprego como todos a empregam e com o significado usual. Os anarchistas, sim, é que lhe dão uma outra feição: — para elles, governo é sómente a maneira por que a direcção social é hoje realizada.

Ora, eu disse que, comquanto exista *governo*, entidade fatal, poder-se-hia discutir o seu modo de ser, o seu feitio, a maneira pela qual elle se deve exercer. Não neguei a tendencia de absorpção nos actuaes governos, ficando neste particular de accordo com os anarchistas. Tampouco affirmei que a vigente organização social seria a melhor, ainda menos, a definitiva.

Com os meus dignos camaradas anarchistas combato tambem todas as violencias dos dirigentes quaesquer, e aspiro para os homens a maior dóse de liberdade; com elles reconheço que a sociedade ha de soffrer modificação no sentido de melhor se affirmarem os meios de felicidade humana; com elles ainda estou na convicção de que a sociedade marcha para uma epoca em que o capital humano será de todos os homens, em uma justa e natural equidade; só não estou com alguns dos meus camaradas—na negação de um facto observavel, porque manifestado através dos tempos. Não nego, nem ha quem possa negar, a existencia constante de homens dirigindo outros homens. Isto, a historia da humanidade o comprova.

Os governos exorbitam, opprimem, exploram... é possivel, é certo, mesmo; mas, por isso, não lhes vamos negar a existencia.

Havendo sociedade ha quem a dirija. Essa direcção será cada vez menos oppressora, é facto (e a evolução social ahi está para demonstral-o) mas o que a inducção nos revela é que — desde que o homem se agrupa, surge, immediatamente quem o commande, consoante o estado de civilização do [illegible]

Não ha, pois, sophisma nem deslealdade de minha parte, quando chamo de governo á autoridade qualquer.

Os meus camaradas anarchistas entendem que governo é exclusivamente o Estado; que sendo elle, a seu ver, o tropeço ao advento de uma epoca de fraternidade e de felicidade, torna-se imprescindivel a sua eliminação. Ahi é que está o nosso dissidio: — para mim, o Estado é uma modalidade do governo, que, modifiquem-n'o como entenderem, o que elle representa, o que elle significa, que é a auctoridade (oppressora, pouco importa) é uma consequencia natural da organização do homem.

Se, pois, os anarchistas, quando sustentam a dispensabilidade dos governos só se querem referir ao Estado, isto é, á maneira por que a concepção de governo é hoje reconhecida, e não negam a fatalidade da existencia da *competencia livremente acceita*, na phrase de Orlando Lopes; ou impugnam o *governo imposto pela força material* e affirmam que *no livre accordo* a **autoridade** *resulta de um concurso livre e se impõe por si, pela competencia*, conforme affirmou Elias da Silva, em sua bella conferencia; se assim é, cumpre que os meus antagonistas confessem que estão plenamente accordes commigo.

O que eu venho sustentando é que a noção de governo é inherente ao homem; que, em qualquer estadio de sua evolução, ella sempre se fez sentir; que, portanto, com a boa logica, apanhando no meio da variedade de circunstancias e de civilizações a constante existencia do governo, se deve concluir, como eu conclúo, a inevitabilidade de semelhante conceito.

Quando tal affirmo, é evidente que o faço de modo geral, e suppunho que assim é que devem raciocinar os meus camaradas anarchistas, e não pretenderem confundir governo — o que governa, o que orienta — com o modo por que elle se apresenta na hora andante.

O governo tem sido em varios periodos da historia exercido mais ou menos compressivamente; tem apresentado varias modalidades, muitas das quaes repugnantes, mas isto não importa na negação de sua existencia.

Vêem, pois, os meus adversarios que, sem tola vaidade, a verdade está de meu lado; outrosim, que não usei de deslealdade, quando sustentei que o conceito de governo é inherente ao homem, tendo mesmo argumentado com o proprio anarchismo. Que diz elle em sua propria denominação? Ausencia de governo.

Que pregam os seus partidarios? —A organização de uma sociedade sem governo.

E como julgo que isso não é possivel, contestei-os. E contestei-os com felicidade; porque, adversarios dignos, ardorosos e sinceros, concordaram com a minha affirmativa, aliás resultante da analyse da evolução social.

Apoiando o meu asserto, não evidenciaram os meus honrados antagonistas a impossibilidade de se eliminar a noção do governo?

Não se apeguem alguns de meus dignos adversarios a que o anarchismo só se refere ao Estado, quando sustenta a desnecessidade do governo; isto não se deprehende nem da letra nem do espirito da doutrina: o anarchismo gar[illegible] que a sociedade se organizar[illegible] [illegible] E que a razão está do meu lado prova-o o apoio que ás minhas palavras deram anarchistas doutos, enthusiastas, sinceros e activos, como o meu amigo Orlando Lopes e o distincto camarada Elias da Silva.

Posso, pois, concluir que—na modificação social, que se dará em época não previsivel, o governo existirá fatalmente.

Como será elle?

Como penso que elle será, dil-o-hei no proximo artigo.

PEDRO DO COUTTO

P. S. — Ao meu digno amigo Fabio Luz responderei no numero proximo

P. C.

Escola Remington

Dactylographia, tachygraphia, redacção, escripturação e calculos commerciaes, linguas vivas e desenho.

Rua 7 de Setembro, 67

Tartufos

Oh! grandes patriotas de barriga,
Que defraudaes os cofres do thesouro;
A politica vossa é a torpe liga
Da chicana barata e do desdouro.

Emparedados sois dentro da intriga
Eterna, sem valor e nem decôro;
Reina a paz entre vós; a unica briga
E a de saber canalizar o ouro...

Não ha partidos; reina a commandita.
O povo é um zéro vil, um vil trambolho,
Sem péjo, nem pudor... raça maldita!

Mas um dia virá, gente assassina,
Em que haveis de tremer, abrindo o olho,
Deante de Sua Alteza — a Guilhotina!

SATURNINO BARBOZA.

S. Paulo, 1915.

A INDEPENDENCIA

O pensamento que agitou no seculo passado os burgos americanos e provocou as revoluções organizadoras das diversas patrias politicas nomeadas pela geographia, deve ter ao fim de cem annos amargado innominaveis desenganos; admittindo que esse pensamento haja sido ingenuo e generoso.

Quanto a nós, só com sarcasmos poder-se-á encarar a independencia que os ambiciosos, os invejosos e os malfeitores de então prometteram, havendo-a antes empenhado ás mãos de um portuguez frascario e principesco, estupido labrego que se divertia com as lavadeiras e acutilava pobres diabos nas esquinas, para compensar a cobardia do pai João, o degenerado e apodrecido rei fugitivo... Com sarcasmos ou coisa peor, porque do imperio á republica e da republica ao pinheirismo, tudo indica o escalada para a dependencia e o servilismo, quando a independencia fôra o *mot d'ordre* com que era imposta aos colonos e aos escravos por essa fraternal trindade de nullos, de cabotinos e de desabusados que eram os Andradas.

Olhemos hoje a fructificação da bananeira politica cujos cachos pendem superiormente symbolicos de qualquer canto que se diga a patria. Cem annos de politica e de independencia, de andradismo, de imperio, de florianismo e hermismo fizeram da velha colonia a terra da zarzuela, a patria ottomana e o paiz da cafraria, que tanto apraz aos seus vinte e cinco milhões de antropopithecos contemporaneos.

E' pouco provavel que voltemos a ser colonia lusitana, não precisa, é mesmo indifferente, que o sejamos; o facto brutal da reconquista immigratoria ahi està como o éco da independencia politica. Mas nòs todos, os vis cidadãos, que taes nos chama a constituição, devemos ter presente toda a historia que tão mal nos contam, para concluir que a unica independencia possivel para este paiz, governado pela mais incompetente e a mais desbriada canalha politica do mundo, a unica independencia possivel é ainda a de uma nova colonia, ou de colonias varias em que os europeus escapos da conflagração venham lançar as sementes experimentadas na Polonia, na Galicia, nas Flandres, nos Vosges e no Trentino, aquecidas pela decomposição das heroicas victimas dos imperios e das republicas politicas, financeiras e militaristas.

Pela colonia européa, senhores da independencia! Qualquer leva de im[illegible] mais nobr[illegible]is util [illegible] que o Con[illegible]ional!

Domingos Ribeiro Filho.

185

Centro Turfista

Vendem-se apostas para corridas «pari-a-la-côte» accumulações, bettings e bolos, etc

SERVIÇO RAPIDO PELO TELEPHONE

Rua do Ouvidor, 185

PELOS THEATROS

Os que, no dia seguinte á primeira representação de uma peça, procurarem saber nos jornaes diarios qual o seu valor litterario, artistico e social, qual o assumpto do seu entrecho e qual o seu desempenho e interpretação, ficarão devéras pasmados diante de tantas e variadas opiniões, diante das calinadas dos srs. criticos.

Para os que se julgam com o direito de fazer «critica», o actor fulano ou a actriz sicrana vae muito bem, se um lhe inspira sympathias e a outra tem, como vulgarmente se diz, um «palmo de cara bonita».

Quanto á apreciação do valor litterario e artistico da peça, assim como á sua montagem, se a faz de accôrdo com o valor do annuncio, isto é, segundo o numero das *columnas* que occupa no jornal de que faz parte. E, por isso, os emprezarios dos theatros, conhecendo o *fraco* de taes *criticos*, procuram montar peças de *gente de jornal*, porque sabem de antemão que estão isentos da furia da *critica*. Assim, a critica que em algumas partes é acatada, aqui, nesta Capital, só hilaridade e compaixão causa aos que conhecem de *visu* a sua triste situação de fabrica de elogios, quando se trata de collegas ou de emprezarios generosos, e de condemnação, a *una voce*, quando o autor não faz rapapés, nem o emprezario é amigo de se lhes encostar no balcão.

Poderiamos citar factos, mas, não o fazemos por emquanto, devido ao pouco espaço de que dispomos em «Na Barricada».

Fal-o-emos, entretanto á proporção do espaço de que dispuzermos, demonstrando aos nossos leitores quem são e como procedem os criticos, que se julgam no direito de formar opinião de uma vasta cidade, como é o Rio de Janeiro.

Criticos? Não; —mercenarios, é o qualificativo que merecem.

S. PEDRO — *A Espada de honra*, peça militar «original» dos srs. Alvarenga Fonseca e Candido Costa.— Assim rezavam os annuncios. Para o publico assim será. Para nós, porém, assim não é. Fomos vel-a; mas, não damos a nossa opinião sobre o trabalho dos dois «*illustres*» escriptores por desconhecermos a epocha em que tiveram tal «originalidade» de se enfeitarem com «pennas de pavão». Por isso, sobre o valor comediographo dos dois escriptores, fallaremos quando tivermos occasião de apreciar um trabalho seu, puramente seu, e que não se pareça a outro, como este com *La Espada del Honor*. Quanto ao desempenho, temos a dizer que todos os artistas se esforçaram para dar uma interpretação digna á pobre immigrante vinda da terra do Cid e que aqui se *adaptou* perfeitamente ao clima tropical. Destacamos, porem, João de Deus e Nathalina Serra, os dois estréantes da noite, pelo seu conscencioso trabalho. Antonio Ramos, Sampaio, Isabel Ferreira e Monteiro, deram cabal desempenho aos papeis que lhes foram distribuidos.

A «mise-en-scene», de João de Deus, estava a capricho.

Aconselhamos, porem, ao consciencioso artista —ensaiador, a ser mais escrupuloso ao mandar fazer os annuncios do S. Pedro, pois ninguem «engole» a *espada* como sendo dos autores que como taes figuram; nem os 250 soldados, em scena, salvo se alargaram a «caixa» do velho theatro do largo do Rocio.

Os theatros S. José, Recreio, Apollo, Pathé e Trianon, apenas têm passado em revista peças mais ou menos conhecidas e, por isso, deixamos de dar opinião sobre as mesmas.

GREMIO INFANTIL S. JOSE'

—No dia 4 do corrente, realizou este Gremio a sua recita mensal, no seu theatrinho á rua Bambina, 133.

Representou o seu corpo scenico as comedias *Quem quer, vae; quem não quer, manda* e *Que maldita campainha*.

Todos os amadores trataram e estudaram as partes que lhes foram distribuidas, com o maximo carinho e dedicação.

Valha-nos ao menos isso!

Faça-se um pouco de arte nos clubs de amadores, já que se desconhece *essa cousa* nos theatros publicos, entregues a ganhadores e aventureiros.

Apenas representadas as duas peças, foi recitado por uma interessante e gentil menina, o monologo — *As bonecas;* — seguindo-se um baile familiar, que terminou pela manhã, reinando sempre a maior cordialidade.

TITO ALVES

RESPOSTAS:

—L. R. F. — Agradecemos a carta que nos enviou. Pode mandar as informações, que serão publicadas. Quanto á *Casa dos Artistas*, começaremos a tratar disso no proximo numero de *Na Barricada*. Acha que os seus promotores farão coisa seria para a classe? — T. A.

A GUERRA
OPINIÕES. DOCUMENTOS. FACTOS

O verdadeiro culpado

Fala um conhecido revolucionario russo:

Em nossos paizes de civilização capitalista, ha cerca de um ricaço por mil habitantes, uma pessoa relativamente abastada por cem e dez por cento que vão vivendo.

Economicamente, a classe média e a pequena burguezia teriam, nove vezes em dez, interesse *directo* em fazer causa commum com os communistas; mas, na pratica, essa pequena e média burguezia é na sua immensa maioria radicalmente contraria a todas as reivindicações do proletariado.

A situação particular dessas camadas sociaes transforma-as em ramos seccos da arvore da vida.

De facto, só se contam o capitalismo e o proletariado, isto é, a infima minoria dos possuidores e dirigentes effectivos e o conjunto dos trabalhadores, dos productores directos, camponezes e operarios.

Ora, nós affirmamos, contrariamente á lacaiada allemã e aos politicantes francezes, que o povo não tem interesse algum na guerra, e na carnificina actual, menos do que em qualquer outra.

A guerra é obra de amos, reis, dirigentes, possuidores *exclusivamente*.

Do ponto de vista do povo trabalhador e productor, toda e qualquer guerra é um crime de lesa-humanidade.

Sendo esse crime social determinado pela divisão da sociedade em dirigentes e dirigidos, em possuidores e desapossados, a distincção entre guerras offensivas e guerras defensivas é ociosa, falsa, hypocrita, scelerada no mais alto grau.

Attesta-o a historia toda e prova-o exuberantemente a guerra actual para todos os que sabem abrir os olhos e não têm ou não julgam ter um interesse qualquer na chacina internacional, no monstruoso e insondavel delicto do vigesimo seculo da éra, cujo ponto de partida é o nascimento do Deus christão, renegado pelos seus, e que disse: *Tu não deves matar*.

A imprensa burgueza dos paizes alliados e da Allemanha e Austria é *unanime* em invocar, em favor do Triplo Entendimento ou da Dupla Alliança, a postura hypocrita de atacado.

Esta attitude jesuitica tem por fim desculpar de antemão todos os crimes, todas as crueldades, todas as infamias que a pseudo defesa pode necessitar e justificar.

Segundo os homens mais competentes, um anno de guerra causaria entre os austro-allemães mais de 50 por cento de morto[illegible] mortalmente feridos, isto é, seis mi[illegible] [illegible]mens na[illegible] [illegible] ver para o proletariado mais do que um lemma: desertar. A deserção em massa é a rebelião; a rebelião em massa é a revolução libertadora.

A revolução plebéa de 1792-1794 fez quatro mil victimas em dois annos. A actual carnificina *burgueza* fará mais de dez milhões de estropiados e assassinados num só anno.

E' o commentario eloquente que a burguezia escreve hoje no seu vocabulo "humanitarismo".

A burguezia capitalista é a classe infame, a classe monstruosa e sadica. Ella deve ser o ponto de mira, a Carthago a destruir, para o Proletariado.

—FREDERICO STACKELBERG.

Homenagens a Joffre...

Numa brochura recente, *L'Opinion Américaine et la Guerre*, o escriptor francez Henri Lichtenberger, de volta dos Estados Unidos, escreve o seguinte:

"Pequenos factos divertidos mostram a popularidade do general Joffre nos Estados Unidos. Muitas americanas têm dado aos seus bébés e, coisa mais significativa ainda, aos seus tótós favoritos o nome do vencedor da batalha do Marne! Eu ouço ainda uma dellas contar-me, rindo-se a bandeiras despregadas, as façanhas do seu valoroso cão Joffre que, numa audaz marcha nocturna, invadira o gallinheiro do visinho (este respondia ao doce nome de Hafenfass), torcera conscienciosamente o pescoço á toda a criação germanica, e agitava a cauda triumphantemente, ao dia seguinte, quando o proprietario desconsolado fôra protestar contra este escandaloso raid!..."

O sr. Lichtenberger acha, no seu patriotismo satisfeito e agradecido, que tudo isso é extremamente significativo, como amostra das sympathias americanas para com o papá Joffre. E é realmente significativo... e symbolico.

Palavras de Brandès

São do grande escriptor dinamarquez Georg Brandès as seguintes palavras, ditas a um jornalista francez que o fôra entrevistar.

«Eu não havia imaginado que a guerra se manifestasse de forma tão barbara. E' um recuo á idade media, peor, á idade de pedra. E' então inutil todo o trabalho feito durante tantos annos pela reconciliação das nações, pois que chegamos a este odio abstracto, que me lembra Pascal: «Porque quereis matar este homem? — Elle é meu inimigo: é habitante do outro lado do rio». Pela minha parte, e[illegible] [illegible] ptoma de decadencia».

CHRONICA INTERNACIONAL

A Agencia Havas, ou nos impinge uma porção de xaropadas sobre cousas que absolutamente nenhum interesse apresentam, ou então fica calada.

Este principio violento da chronica de hoje é motivado pelo facto de não terem os jornaes populares—os de cem réis —publicado uma linha sequer sobre o importante movimento paredista que ha mais de quinze dias, se vem desenrolando na Hespanha, augmentando de dia para dia, com tendencias a se generalizar.

Si o Poincaré pronunciasse mais um de seus formidaveis discursos, repletos de phrases ôcas e batidas que, a custa de repetição, constituem um supplicio só comparavel ao que me proporciona o phonographo infame que arranha o *Rato-Rato Rato* de dez em dez minutos de fronte á minha janella; si o sr. Bethmann-Hollweg se lembrasse de lançar outra das suas terriveis arengas, em que desafia este universo todo e mais dois ou tres que andam vagueando no espaço; si o homem da avalanche, o libertador dos servios, fizesse nova proclamação ás suas tropas, supplicando o auxilio de Deus, esse mesmo Deus invocado pelos allemães com tanta certeza, pelos inglezes com tanta devoção, pelos francezes com tanto fervor, e que deve estar atrapalhadissimo, sem saber a quem attender; si a familia real hespanhola fosse augmentada de mais um infante—*si*, não, porque a cousa é mathematica: este anno deve vir o décimo-segundo ou decimo-terceiro, não tenho bem certeza qual; em summa, si acontecesse uma dessas cousas, ou duas, ou todas de uma vez, a Havas bombardearia os jornaes de tostão com a materia sensacional, e veriamos columnas, paginas, e até segundas edições dedicadas a tão interessantes assumptos. Mas informar o publico sobre a vida verdadeiramente social nos diversos paizes do mundo — isso não.

Felizmente o *Jornal do Commercio*, que mantem um magnifico serviço telegraphico—é a unica secção de valor que possue o *Jornal*, em troca da qual dou, de vez em quando, os meus duzentos réis, sem pestanejar — não se descuidou de todo do movimento social no exterior, e foi por esse meio que soubemos ter estalado, no principio do corrente mez, uma gréve geral dos trabalhadores das dócas de Gijon, que foi secundada pelos embarcadiços. O movimento estendeu-se logo, conseguindo os paradistas obter a solidariedade dos operarios de outras profissões, de quasi todas as cidades importantes do paiz.

Afim de que os leitores possam acompanhar a marcha dos acontecimentos, transcrevo os telegrammas do *Jornal*, na ordem em que foram publicados:

Madrid, 1.—Annunciam de Gijon que os operarios que trabalham nas dócas declararam-se em parede geral, obtendo a solidariedade do pessoal de bordo que immediatamente abandonou os respectivos navios.

O movimento apresenta perspectivas de augmentar, pois que as sociedades a que se acha filiado o operariado ameaçam secundar a attitude dos paredistas.

Madrid, 3.—Os operarios de Reus, que ha dias deixaram de comparecer ao trabalho, annunciam que promoverão a parede geral da classe, caso as suas reclamações não sejam satisfeitas pelas autoridades.

Madrid, 5.—Os operarios das minas de enxofre de Hellin declararam-se hoje em parede.

Madrid, 5.—Augmenta de proporções a parede declarada ha dias entre os operarios que se empregam no serviço de descarga de navios no porto de Gijon.

Amanhã será declarada a parede geral que abrangerá aquelle e outros portos do Reino.

Barcelona, 6. — Os operarios de industrias textis da Catalunha mostram-se em absoluta divergencia com respeito á parede.

Madrid, 6.—Declararam-se hoje em parede e immediatamente desembarcaram os tripulantes de dezesete vapores nacionaes fundeados no porto de Gijon.

A parede dos trabalhadores de Reus tende a diminuir o que leva a crer que muito breve estará terminada.

—As ultimas noticias de Bilbau informam que os embarcadiços persistem em não voltar ao trabalho emquanto não forem satisfeitas as suas reclamações.

Durante o dia repetiram-se as desordens que ha dias vêm sendo promovidas pelos paredistas.

Madrid, 7.—Os patrões dos paredistas de Gijon rucusaram a proposta que lhes apresentou o Governador da Provincia de Oviedo relativamente á rotação para o trabalho dos operarios e á fixação do pessoal para os serviços de descarga.

Os operarios das officinas metallurgicas locaes estão reclamando augmento de salario e ameaçam declarar-se tambem em parede se não forem attendidos.

Os cáes do porto continuam guardados pelas tropas.

Madrid, 8. — Informam de Merin que os operarios que ali estão em parede atacaram hoje de manhã o mercado e atiraram ao mar todo o peixe que estava exposto á venda.

O serviço de bonds está completamente paralysado, devido ao pessoal ter adherido ao movimento.

O pessoal das minas de Ovideo, que ha dias estava em parede, voltou hoje ao trabalho.

Madrid 9. —Annunciam de Merin que os operarios maritimos que se encontravam em parede chegaram a completo accôrdo com os armadores.

O trabalho deve recomeçar amanhã.

As informações acima são incompletas. Sabe-se apenas que a gréve originou-se em Gijon, espalhando-se por todo o paiz, mas nada dizem os telegrammas sobre as principaes exigencias dos grevistas.

A situação deve ser realmente mais grave do que parece pela leitura dos telegrammas transcriptos. O do dia 6, por exemplo, fala da gréve dos operarios de industrias textis da Catalunha, como si fosse um facto sabido, quando era a primeira vez que delle tivemos conhecimento. Do mesmo modo devem estar em parede os operarios de muitas outras profissões, sem que se lembrasse de nol-o informar o correspondente do *Jornal*.

Aguardemos a chegada de *Acción Libertaria* e *Tierra Libertad* que sem duvida se occuparão detalhadamente do movimento.

MYER

O Proletariado Militante

A questão dos chauffeurs

Insistindo sobre o nefasto papel desempenhado pela imprensa na questão dos chauffeurs, vamos fazer ainda mais algumas considerações, afim de demonstrar que á sua influencia se devem tambem muitos desastres, dos quaes tem resultado um consideravel numero de victimas.

E ainda que pareça estranho o que acabamos de afirmar, a verdade é que grande parte dos atropelamentos que se têm dado nesta capital, são a consequencia logica da campanha que ha longo tempo a imprensa vem fazendo contra a classe dos chauffeurs. E como prova, vejamos de que maneira ella tem contribuido para augmentar o numero dos desastres e de victimas do automobilismo.

Ao mesmo tempo que o povo, illudido pelas mentiras convencionaes da imprensa, foi firmando o conceito miseravel que faz dos chauffeurs, estes, por sua vez, foram adquirindo, pela experiencia de todos os dias e de todas as horas, a consciencia plena e exacta da situação em que os colocaram, prevenindo-se naturalmente contra todos os perigos a que sua vida foi exposta. De fórma que, quando succede um desastre, muitas vezes sem importancia, como o da floresta, que apenas magoou levemente o bebedo atropelado, a primeira preoccupação do chauffeur é fugir e fugir como um desesperado que vê em perigo a sua existencia e que não tem outro meio de se pôr a salvo. Nesta fuga precipitada e desordenada, a que o chauffeur é impelido para defender a sua vida ameaçada, muitas dezenas de criaturas têm sido espatifadas pelos automoveis que, em vertiginosa carreira, atravessam ruas de grande movimento, colhendo na sua passagem tudo que encontram pela frente. E os atropelamentos desta natureza, a nosso vêr, dão-se por culpa exclusiva da imprensa que, exasperando os animos do povo, o levou ao extremo de não confiar mais naquillo a que chamam justiça, pretendendo fazer essa mesma justiça por suas proprias mãos, lynchando os pobres motoristas que cahirem na asneira de esperar a sua intervenção.

Em Portugal e em outros paizes, o chauffeur é obrigado por lei a prestar ao atropelado os primeiros soccorros, conduzindo-o ao logar mais proximo onde possa receber o auxilio da sciencia; e esta medida, por todos os motivos sympathica e humanitaria, não pode ser posta em pratica no Rio de Janeiro [illegible] estupidamente en- [illegible] neste caso, em vez de soccorrer os atropelados, é constrangido, em defeza propria, a fazer novos atropelamentos. E tudo isto se dá por obra e graça da imprensa, a quem cabe toda a responsabilidade, por que foi ella quem conduziu o povo ao estado em que se encontra, colocando o chauffeur na terrivel situação de um criminoso repelente e odiado, que se vê muitas vezes na dura contingencia de ferir e matar para não ser morto.

Não ficou somente por aqui a campanha systematica da imprensa contra a classe dos chauffeurs. Ella foi mais longe, e chegando até ao Senado ali foi promulgado um decreto, autorizando o prefeito municipal a confeccionar o celebre regulamento de vehiculos que tantos males tem causado á classe, e de que é auctor o não menos celebre general Carneiro Monteiro.

Concluido esse monstruoso documento, que ficará gravado na historia do Brazil como um desmentido formal ás liberdades profissionaes que a constituição diz garantir e que servirá ao mesmo tempo para provar aos vindouros que a escravatura não não foi abolida, como dizem, em 13 de maio de 1888, concluido esse documento, repetimos, foi entregue immediatamente á policia para que esta o fizesse cumprir. O que é esse regulamento e o que a policia tem feito aos chauffeurs do Rio de Janeiro a pretexto de cumprir a lei, é o que vamos analysar em outros artigos.

M. COELHO.

CARTA ABERTA

Ao camarada Manoel Campos

Tristes momentos estes em que o canhão mutila e a metralha destroe; epoca dura de retrocesso na historia da civilização e talvez, quem sabe? de transigencia de alguns dos maiores vultos propagandistas de grandes e sublimes ideais! Mas não importa; depois de um pequeno desalento, que por mim passou, devido ao proceder indigno de alguns pensadores, que com seu genio literario e sua profunda philosophia, muito concorreram para arrastar-me á realidade das cousas, e fazer-me lutar com meu pequeno esforço pela causa do povo, hoje, curado d'essa pequena fraqueza, volto novamente a enfileirar-me na vanguarda proletaria, prompto para empunhar armas e saltar na barricada ao primeiro momento que se depare.

O mundo convulsiona-se na chamma da destruição; por todos os lados a morte, a ruina e a desolação; o povo latino arrochado contra seus irmãos tedescos; russos e belgas, inglezes e servios, todos entregues á embriaguez da guerra, para a qual foram impelidos num momento de indecisão, que a burguezia aproveitou para os precipitar no horrendo fratricidio.

Todos os elementos parecem unir-se para destruir a obra que uma geração de escriptores, pensadores e pedagogos construiram num esforço titanico de meio seculo de luta intellectual e pratica; mas não importa: ante a evidencia dos factos, temos que nos cingir á dura realidade, e lançar-nos na agitação popular, e se preciso fôr na gréve geral revolucionaria.

V[illegible] tu me envia[illegible] desde [illegible] pois [illegible] nham no conflicto, arrastando comsigo mais victimas na horrivel carnificina, tentemos a revolta do proletariado conscente de todo o mundo, que neste momento deve dar o ultimo tiro na sociedade caduca e vil, cujo fim está proximo, e preparemo-nos para construir o novo edificio social.

Abaixo a guerra! viva a revolução social! eis o brado com que devemos atemorizar a hyena burgueza e o lemma de nossa bandeira de combate. Lutemos, pois: unamos os nossos esforços de homens livres e conscientes á nobre e elevada iniciativa da Confederação Operaria Brazileira, e lancemos o nosso protesto de productores que esperamos quebrar as algemas que nos prendem ao preconceito de patria, gritando: viva a anarquia!

Que dos escombros de tantas ruinas brote a rubra papoula que nos enflore o sonho de escravos revoltados, coroando os nossos esforços reivindicadores.

Como vês, eu continuo a ser o mesmo de hontem; prompto para tudo, desde que encontre quem me acompanhe.

Sempre teu e da causa:

MANOEL PERDIGÃO

Grupo Carbonario dos Padeiros

Quantos burguezes, proprietarios de padaria não suarão de indignação, quando por acaso lhes caia debaixo dos olhos este numero de NA BARRICADA! Pois, meus carissimos inimigos, ainda não sabeis a que se propõe o grupo carbonario dos padeiros? Composto de abnegados companheiros, entre os quaes existe a maxima confiança, não contando o seu segredo nem ao seu melhor amigo, propõe-se ao seguinte: Trabalhar nas trevas para punir todo o companheiro traidor, e não associado.

Prejudicar por todas as fórmas e meios os patrões carranças, que perseguem os empregados que são associados. Ainda mais: nós havemos de fazer com que os proprios patrões obriguem os seus empregados a se associarem.

— Mas, dirão os nossos patrões, cheios de uma indignação apopletica: não é licito! a policia deve agir, e livrar-nos dessa canalha! E' para isso que nós pagamos os nossos impostos de industria e profissão. Mas, meus carissimos inimigos, a isto eu responderei simplesmente: sim, sois vós que pagais os impostos, mas é com o nosso suor de productores, e dos consumidores em geral que são o povo. Ainda mais: quanto a nós, sem consultarmos ninguem, termos formado um grupo secreto, aprendemol-o comvosco. Não quizestes vós ha pouco ainda formar um codigo secreto contra os empregados que fizeram greve e contra todos aquelles que não se querem deixar tosquear por vós?

Agora, sabendo nós que os artigos da constituição dizem que a lei é egual para todos, a policia, que não procedeu contra vós, apezar do caso ser bastante ventilado por um jornal desta capital, a mesmissima policia não terá o direito de proceder contra nós.

Portanto, cá estamos a esperar a occasião mais opportuna para agir.

O secretario do Grupo

O OPERARIADO E A IMPRENSA BURGUEZA

Agora que surgiu um j[illegible] ção de "Na Barricada", cuj[illegible] [illegible] que nós, da classe trabalhadora, lhe saibamos corresponder com o nosso esforço, afim de que este novel paladino tenha vida prospera para bem poder servir aos interesses de todos nós.

Já estamos cançados de saber, por uma longa experiencia, o que valem para nós esses jornaes da burguezia, que apparecem fazendo retumbantes promessas, abrindo secções operarias etc, e no final sempre se negam a publicar qualquer artigo que não esteja bem ao paladar dos burguezes e concomitantes.

Demais, afora outras razões poderosas, nós temos uma e de alta importancia social: nós carecemos de manter um jornal, exclusivamente nosso, para assim podermos amplamente diffundir as modernas idéas de sociologia que mais convem á humanidade soffredora.

Não ha muito, o autor destas linhas, esquecendo-se de que estava escrevendo para um jornal que, não obstante se intitular de «popular» é um fiel interprete da burguezia exploradora, mandou umas trez tiras para serem publicadas, contendo determinadas perguntas ás autoridades que, na greve dos padeiros, prometeram obter uma lei regulando o trabalho dos empregados em padarias. Pois bem.

Esse jornal é tão popular, tão «defensor dos fracos contra os fortes» (authentico), que teve a honra de não ligar a minima importancia ás referidas 5 tiras, que, com certeza, muito iriam perturbar a boa digestão das autoridades que as lessem. Deante d'isto, pois, já sabemos o que temos a fazer...

ANACLETO BASTOS

Nas Fabricas de Tecidos

Habitos da Escravidão

Na Manufactora Fluminense, no Barreto

Não sei como qualificar o ignominioso regimen a que estão submettidos os operarios desta fabrica.

Os mestres e contra-mestres, peiores do que antigos feitores de escravos, julgam que o 13 de Maio não passou ainda.

Assim é que proporcionam aos operarios um tratamento tão incrivelmente estupido, que até parece impossivel que os operarios do Barreto, que ainda ha pouco tempo demonstraram a sua força com gestos nobres, como foram essas gréves para reclamar o pagamento dos seus salarios em atrazo, agora se submettam impassivelmente ás exigencias descabidas desses "don quixotes" elevados ás culminancias do poder, por obra e graça de uma repelente e baixa bajulação

A Manufactora Fluminense é uma verdadeira Bastilha.

Os operarios, ou operarias da sala dos teares (tratemos dellas por hoje) estão submettidos a um tratamento que nem os escravos antigos toleravam.

Assim é que em cada secção de teares ha um homem que está encarregado de passar os rombos que se dão, e ao mesmo tempo ficar no logar de qualquer tecelão quando este quizer ir beber agua, urinar ou satisfazer qualquer outra necessidade. Ora, cada secção tem em media tecelões; o nosso homem [illegible] de levar muitas veze 2 e 3 horas [illegible] remetter um rombo, durante as quaes [illegible] nenhum pode sahir dos seus [illegible] da que para isso [illegible] precis[illegible] supponde que 10 ou 12 tece[illegible] [illegible] item sair das suas machinas, é claro que, quando o homem chegar a ir tocar as machinas do ultimo, tem-se passado dia inteiro, o que com franqueza não é digno de operarios, que dizem não ser escravos, em pleno seculo 20 submetter-se a tão tyranicas exigencias.

Continuarei.

Rio, 12 de Setembro de 1915

Albino Moreira

Pequenas noticias

LIGA FEDERAL DOS EMPREGADOS EM PADARIAS

Chama se a attenção dos associados em atrazo de suas mensalidades a quitarem-se para a bôa normalidade da cobrança. Entrada 5$000, mensalidade 1$000. Quando mudem de rezidencia queiram participar á secretaria.

Os companheiros que ainda não são socios podem fazel-o em qualquer dia, nas horas do expediente.

BOLSA DE TRABALHO DOS PADEIROS — Caixeiros, vendedores, carregadores, forneiros amassadores, fermenteiros, ajudantes de forno e ajudantes de mesa, habilitados, encontram-se diariamente das 10 horas da manhã ás 21, na praça Tiradentes 71, sobrado. Empregados habilitados precisam-se desde que sejam socios da Liga Federal dos Empregados em Padaria e Syndicato dos Panificadores. Pedidos pessoalmente ou pelo telephone. Acceitam-se pedidos para fóra mediante contrato.

CONFEDERAÇÃO OPERARIA BRAZILEIRA. — No dia 7 do corrente, primeira terça-feira do mez, reuniu-se a Commissão confederal, em sessão ordinaria, tomando varias deliberações de interesse, como as referentes ao proximo Congresso Internacional da Paz e a A VOZ DO TRABALHADOR, orgam da C. O. B., que brevemente estará transformada em semanario.

FEDERAÇÃO OPERARIA DO RIO DE JANEIRO. — Sabbado ultimo reuniram-se os syndicatos federaes em assembléa geral e conjunta, acordando medidas sobre os negocios internos da casa, sobre a delegação á C. O. B., etc.

A Commissão federal continúa a reunir-se ás quartas-feiras, como sempre.

CENTRO DE ESTUDOS SOCIAES. — Amanhã, à noite, dará este Centro mais uma sessão semanal. Figuram na ordem do dia, para discussão: 1°. Congresso Internacional da Paz — 2°. Congresso Anarchista Sul Americano — 3°. Commissão Popular de Agitação contra a Guerra. Para este ultimo ponto, chama-se a especial attenção dos interessados, pedindo-se o comparecimento de todos os membros da Commissão.

LIGA ANTICLERICAL. — Por motivo de força maior ficou adiada para hoje a conferencia de Astrojildo Pereira annunciada para quinta-feira passada. Naquelle dia, preenchendo a hora, falou José Martins, que aproveitou a questão do dia e dissertou sobre *Os attentados politicos e religiosos atravez da historia.*

Correspondencia

Julio Moreira da Costa, Vito Cioffi, Lucio Ramalho, J. M. — Tenham paciencia. Os originaes são muitos e, a não ser que se trate de questão de premente actualidade, vão saindo por ordem de antiguidade em nossas mãos. Os seus terão tambem o seu dia. Mais semana, menos semana.

INDICADOR

SOCIEDADE UNIÃO DOS FOGUISTAS—Rua do Hospicio 159.—Expediente: das 7 ás 21 horas—Telephone: 2744 Norte.

CENTRO DOS EMPREGADOS EM FERROVIAS — Rua do Hospicio 170. — Expediente: das 8 ás 21 horas. Telephone: 3253 Norte.

UNIÃO PROTECTORA DOS CATRAEIROS—Largo de S. Domingos 4—Expediente: todos os dias, menos aos domingos, das 10 ás 18 horas.

ASSOCIAÇÃO DOS EMPREGADOS BARBEIROS E CABELLEIREIROS—Largo de S. Domingos 4—Expediente: das 20 ás 21 horas.

CENTRO COSMOPOLITA—Rua do Senado 215—Expediente: todos os dias, das 13 ás 16 horas.—Telephone: 1499 Central.

SOCIEDADE DE RESISTENCIA DOS TRABALHADORES EM TRAPICHES E CAFÉ—Rua Municipal 9.—Expediente: durante todo o dia.—Telephone: 4915 Norte.

SOCIEDADE UNIÃO DOS ESTIVADORES—Rua do Acre 19.—Expediente: durante todo o dia—Telephone: 2631 Norte.

ASSOCIAÇÃO DE RESISTENCIA DOS CARROCEIROS, COCHEIROS E CLASSES ANNEXAS.—Rua Marquez de Pombal 41—Expediente: durante todo dia—Telephone: 3101 Norte.

ASSOCIAÇÃO DOS MARINHEIROS E REMADORES—Rua Conselheiro Zacharias 66—Expediente, todos os dias, das 7 ás 20 horas—Telephone 2296 Norte.

ASSOCIAÇÃO DE RESISTENCIA DOS TRABALHADORES EM CARVÃO E MINERAL—Avenida do Caes do Porto 851—Expediente: durante todo o dia—Telephone 3466 Norte.

CENTRO DOS CHAUFF—EURS Rua da Quitanda 6—Expediente: durante todo o dia—Telephone: 978 Central.

CENTRO INTERNACIONAL — Avenida Men de Sá 78.—Expediente: das 14 ás 15 horas — Telephone: 2316 Central.

UNIÃO DOS EMPREGADOS NO COMMERCIO DO RIO DE JANEIRO —Rua da Assembléa 71, 2.° andar.

GREMIO DOS MACHINISTAS DA MARINHA CIVIL—Rua do Rosario 34.

CIRCULO DOS OPERARIOS DA UNIÃO—Rua Marechal Floriano Peixoto 18.

$$$$$$$$$$$$$$

ALFAIATARIA

LEAL JUNIOR

Roupas sob medida

Para homens e senhoras.

Preços modicos e a prestações

Rua do Lavradio, 28

Telephone 4728- Central

$$$$$$$$$$$$$$

Bons productos

RIO GRANDENSES

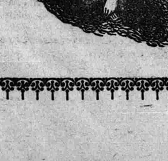
Queijos diversos typos
Salame,
Mortadella,
[illegible]
Linguiça,
Carnes fumeiras,
Linguiça em lata,
Feijoada em lata,
Lingua em lata,
Patês em lata,
Camarões em lata,
Peixes em lata,
Mate em folha,
Mate chimarão,
Mel de abelhas,
Compotas diversas,
Marmelada de "marmelo",
Figada,
Aracagada,
Pecegada,
Vinho typo Bordeaux,
Vinho typo Clarete,
Vinho diversas marcas,
Vinho branco e typo Porto.

DEPOSITO: CASA RIST

Rua Sete de Setembro, 71

Teleph. 488 - Central

Ser bella e Fascinante?!!



—Como?

—Simplesmente usando a JUVENTUDE-ALEXANDRE, unico restaurador dos cabellos que evita a sua quéda e a caspa.

—E quando?!!

—Já, immediatamente, compre um frasco da JUVENTUDE-ALEXANDRE, que custa apenas 3$000, e poderá ser bella e fascinar o mundo.

—E onde se vende este preparado?

— A JUVENTUDE ALEXANDRE vende-se em todas as perfumarias e drogarias.

20

facilmente um genio; que desgraça não ter sido a fragil argilla de que sou feito a escolhida para essa transfusão de almas.

Então, guiado pela inspiração ardente do Hierophantevate, poderia daqui dizer o que senti naquellas alturas e o que vale aquella excursão.

A parte pensante do nosso *eu* se vae suavemente diluindo no azul, e aos poucos se desprende da materialidade; a cada avanço do carro nos espiritualisámos mais e só o olhar fala

Que palavras podem exprimir aquelle encantamento?

A primeira travessia termina quasi; o wagão parece que se vae chocar de encontro á negra penedia, donde verdes brotos de arvores teimosas e gravatás em flor se penduram em impressionante milagre.

Na Urca, surprehendem-nos a vegetação pujante, os recantos sombrios de bosques, fracas nascentes de aguas pobres; a floresta virgem, viridente, viçosa, vivaz, salpicada de ramalhetes amarellos, de cachos roxos, de brancas umbellas, agita-se lá em baixo na encosta e dá-nos inedita sensação, olhadas de cima, pelas copas, as ramarias frondosas.

Tudo que foi solidão e silencio, deserto e sombra, tudo que foi humidade e remanso, todo esse paraiso fechado resoa ao grito cadenciado do trabalho, ao agitar nervoso da picareta, ao rir festivo dos pares amorosos; estremece ás exclamações enthusiasticas dos passeiantes deslumbrados, abre seus seios mysteriosos e inexplorados as assaltos dos *pic-nics*, e ouve a musica dos beijos e dos risos, espantando e enxotando os cantores plumosos dessas mysteriosas sombras

Pelos declives abruptos já se desenham escadarias toscas que conduzem aos silencios das sombras tepidas das grandes ramarias intrincadas, por arenosas ruellas, convidando os amantes a suspirar de amores e trocar em beijos quentes segredos infindos, na calma estavel desses dias intensamente luminosos.

A ascenção vae continuar. De novo suspensos entre o céu e a terra, continuamos a desmaterializar-nos. O ar é leve e aromatico, penetra-nos pelos pulmões e vae directamente ao cerebro, embriagando-nos. Perfumes activos, ar secco e puro, vindo do largo em lufadas tonificantes, sobem do lençól verde e da toalha azulina do bosque e do mar.

A paizagem se desdobra magnificamente a nossos pés, para a direita, para esquerda, em todas as direcções.. para o infinito Os caminhos colleantes da fortaleza de S. João, Santa-Cruz, Lage, Imbuhy, os formidaveis *dreadnoughts*, innumeros navios mercantes ancorados ou em movimen o, dentro desse mar interior que é a Guanabara, tudo reduzido a miniaturas, tudo figurando jogos de crianças. As Avenida á beira-mar, com sua linhas de reticencias verdes, a cidade com seus monumentos minusculos, as ilhas, de dentro e de fóra da bahia, deitadas a nossos

17

Arredio da familia, saturado de alcool, chegando ao maior gráu de inconsciencia pela embriaguez com pequenas dóses do veneno, tornou-se um desclassificado.

— Ninguem, como aquelle, disse-me um velho que o conhecia, tão bem e com maior rapidez, no seu tempo, sabia cuidar de um barco, armava-lhe o cavername, fazia-lhe as obras de conserva, calculava a linha de fluctuação.

Agora, sem lar, sem familia quando sahe da prisão, depois do serviço pesado da faxina, vae de novo para a taverna, provoca disturbios, volta a ser encarcerado.

Rixento, colérico, inconsciente, elle passou aos boléos, quasi descomposto, soltando grossas lérias, que se engrolavam na saliva viscosa, projectada longe aos arrancos dos arrôtos.

E o *subtil*, conforme a significação arabe da palavra *alcool*, continuará a corroer aquelle organismo.

E' um dos fins dos explorados, cuja partilha na vida, nos gosos, na felicidade é toda negativa, bastardos da sociedade, desherdados da felicidade, repudiados da alegria Sugados até á medula, emquanto a machina póde produzir trabalho aproveitavel, que sirva para augmentar as rendas do industrial enluvado como elemento primordial da prosperidade das empresas alheias, encontram como lenitivo unico os productos com que os envenenam os commerciantes, embrutecidos de caso pensado para serem melhor dirigidos, dominados, roubados, sem revoltas, e mortos moral e physicamente, quando inuteis como força productora.

Lá, nos vapores do alcool, fracos de espirito pela falta de educação e instrucção, enfraquecidos de corpo pelos trabalhos excessivos, sepultam seus desgostos intimos, suas vergonhas, sua raiva impotente, não comprehendendo ainda quanto lhes podem valer a acção solidaria e o auxilio mutuo, amigavel e humano.

As táras vão ficando, desdobrando-se em neurasthenias e em todas as outras psychopathias que povoam os manicomios.

***

Peior, porém, do que esses pobres desilludidos da felicidade, são os que procuram a illusão da felicidade na embriaguez voluntaria, systematica e elegante, e fazem della um requinte artistico e uma caracteristica de fina esthetica.

Para esses é que se torna necessario repetir a analyse de Jacquet, citada pelo dr. Grasset no seu livro *Idées Paramédicales*, no que se refere á *Musa dos olhos verdes*:

"On y incorpore l'anis, la ladiane, l'angelique, la melisse, la mentre, qui sont poisons stupéfiants; et aussi l'hysope, le fenouil, la petite et la grande absinthe, que sont poisons convulsivants, epileptisants; ou colóre avec de la couperose ou bleu de Prusse, et quand vous desmandez une verte, on sert frais! Quelle cousine de sorcières!"

A FELICIDADE DE NOSSO LAR

está no uso constante dos primorosos licores, vinhos de fructas, xaropes, fructas crystallisadas e em compota, geléas geleadas, marmelada, goiabada, bananada e laranjada

MARCA DA FABRICA

USINA SÃO GONÇALO

a unica fabrica de doces e bebidas que não teme a concurrencia dos productos extrangeiros ou nacionaes, apezar de todos os seus productos serem genuinamente nacionaes

A' VENDA EM TODAS AS CASAS DE DOCES, BEBIDAS E ARMAZENS DE MOLHADOS E NO DEPOSITO E ESCRIPTORIO A' RUA S. JOSE', 57 — TELEPHONE CENTRAL 4475

G. SEABRA.

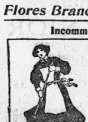
Para incommodos de Senhoras

A SAUDE DA MULHER

Poucas colheres alliviam
Poucos frascos curam:

Flores Brancas

Incommodos da edade critica.
Regras dolorosas.
Colicas uterinas.
Inflammação do utero.
Hemorrhagias.
Suspensão.



Laboratorio Daudt & Lagunilla
Rio de Janeiro

Vende-se em todas as pharmacias do Brazil

LIVROS

SOCIOLOGIA, ARTE, SCIENCIA E LITERATURA, ETC.

As pessôas, tanto desta capital como do interior, que desejarem adquirir livros, jornaes, revistas, etc. em varias linguas, podem fazer as requisições acompanhadas das respectivas importancias, que serão promptamente attendidas.

Fornecem-se catalagos

Pedidos a Nilo Ferreira
Caixa postal, 1936 - Rio

CLINICA MEDICA

DO

DR. ARTHUR DE VASCONCELLOS

SYPHILIS

(914 - 606)

Das 3 ás 5 da tarde — Rua do Rosario, n. 85.

COLLEGIO NACIONAL

R. FIGUEIREDO MAGALHÃES, 42
COPACABANA

CURSO COMMERCIAL

Curso nocturno e diurno
RUA DO ROSARIO, 170
1º ANDAR

A collecção dos 10 primeiros numeros de "Na Barricada", nesta redacção ou pelo correio, a 2.000 reis.

NÃO HA QUEM NÃO CONHEÇA A CASA DE LOTERIAS

A Rua do Ouvidor n. 151

De propriedade de LOPES & C.

E' a casa que mais sortes tem vendido aqui no Rio, e é preciso notar-se que não são sortes pequenas e sim grandes. Depois que se transformou de charutaria em casa de loterias, já tem esta casa vendido

CENTENAS DE CONTOS DE REIS EM PREMIOS

Ha outras no mesmo ramo de negocio que têm vendido sortes em proporção semelhante, porém não têm a seriedade que nesta se encontra nos pagamentos dos premios vendidos. Afinal, quem ahi compra bilhetes está quasi certo de tirar algum premio, por menor que seja, e de receber.

Succursaes; RUA DO OUVIDOR, 181 e RUA DA QUITANDA, 59 - C. -- **RIO DE JANEIRO**
e Rua de S. Bento n. 126 -- S. PAULO.

18

Pensem que seriam os genios de Hoffman, de Edgard Poe, etc., si não fossem alcoolatas!

Bebendo com Alfredo Musset, os esthetas pensam adquirir o talento do autor de *Rolla* e da *Nuit d'octobre*, escreve o illustre medico, e continua: "Esses ingenuos raciocinam como qualquer que acreditasse que basta vestir os redingotes de Barbey d'Aurevilly para ter talento, ser epileptico para ter o genio de Napoleão ou de Flaubert, ser gago para parecer Esopo ou Turenne, ser canhoto para pintar como Leonardo de Vinci, ou olhar fixamente o sol sem seutir incommodo para raciocinar como Socrates...

*

Os desesperos e as difficuldades economicas arrastam os pobres operarios para o abysmo do alcoolismo. A embriaguez dá-lhes a illusão do esquecimento; mas é apenas illusão, porque a mesma embriaguez reflecte nos seus arrancos as raivas impotentes da vida normal elevadas a um tal gráu de exaltação que desorganizam cerebros, como compromettem todas as outras funcções vitaes.

E' uma aggravação do soffrimento, um accumular terrivel de males, que vão levar aos lares a tristeza, a molestia e a infelicidade, maiores do que as proprias cruezas e durezas da vida real, que se complica desse accrescimo de dôr, em sua lastimavel duplicidade de manifestações.

O calor que desenvolve o alcool no organismo, a vivacidade de movimentos, o estimulo nervoso das primeiras e pequenas dóses, levam a crer que é um alimento poderoso, capaz de substituir outra melhor alimentação. Que grande descenso! Alimento forte em dóses pequenas e por preços baixos!

E o veneno vae lentamente produzindo seus effeitos; o organismo diminuindo de energias, de novo buscadas no *subtil*, em dóses mais fortes e mais frequentes; toda a felicidade, toda a alegria de viver, toda a robustez da prole compromettidas; o *delirium tremens*, ponto terminal da jornada, a inconsciencia e as grades do presidio ou do manicomio como desfecho e remate.

Encarecem os generos alimenticios de primeira necessidade, mas as tavernas obtêm licença para propinar venenos á população. As fabricas de cerveja, na sua competição commercial, mantêm com bons ordenados annuncios e reclamos vivos, aos quaes fica o encargo de beber. . beber .. e beber muito, nos logares publicos, gritando com emphase o nome do execravel producto.

Estragado esses, viciados, ébrios habituaes por officio e profissão, outros os substituem, quando desapparecem nas sombras dos hospitaes

Sancho lá ia aos boléos. Desde algum tempo estava na ilha, onde, reconhecido pelos antigos companheiros, se celebrizara pelos seus desatinos.

19

VI

Entre o Céu e a Terra

Ligeiro ranger de roldanas e leve oscillação, depois do tinir de campainhas, annunciam a ascenção gloriosa. Suavemente, em deslizar sereno, imperceptivelmente balouçado, o carro nos vae suspendendo para as nuvens.

A faixa de terra angustamente comprimida entre contrafortes de pedra, lançando espuma de raiva, em babugem branca nos labios descorados, em consequencia do aperto dos morros, se vae dilatando a nossos pés em deslumbrador panorama; os baluartes e fortins da Praia Vermelha, com os predios de pé e os escombros da Exposição de 1908, proliferam aos nossos olhos, desdobrando-se em maravilhoso amontoado de edificios e habitações A cidade surge da terra em amplos paineis de vastas construcções, donde a intervallos verdejantes se levantam grupos de arvores, trechos verdes de campinas, fortes morros esbarrancados, enormes penhascos, imponentes perfis de montanhas, gigantescas pedras millenares. Depois se detalha a paizagem destacam-se o amplo ancoradouro, onde os navios de grande callado boiam como minusculas canoas de jogos infantis, os innumeros jardins á beira-mar, o Oceano azul ou verde, á luz do sol, as brancas praias semi-circulares de Copacabana, gigantesca palheta curvilinea, em cujas bordas genial pintor parece ter accumulado, pincelada sobre pincelada, camadas de tinta alvissima, lenta e preguiçosamente superpostas na orla branca de areia, para o lado azul das vagas.

Já se não sabe a que belleza attender; a attenção se volta para o desvão vazio entre as pedras.

A cidade (olhada lá das alturas a surprehendente magnificencia da urbs imcomparavel) é uma cidade morta e abandonada; não se distingue um ser vivo, figura humana. Tudo está englobado na sumptuosidade da obra humana repousada sobre as exuberancias naturaes.

Siiencio absoluto. Os companheiros de excursão, que nos são extranhos, não ousam quebrar o encanto daquella maravilha, e em compuncção religiosa guardam o silencio respeitoso de quem penetra em a nave colossal de um templo incommensuravel. O inspirado poeta, o illuminado propheta, Mucio Teixeira, meu ciceroni, não encontra, na sua fecundia verbal, uma phrase exclamativa; fica em extasis, deixando que sua alma devaneadora se dissolva no deslumbrante panorama.

Para penetrar nos ceos seria um maior prazer levar por guia um poeta

Dante procurou a sombra de Virgilio para penetrar no Inferno; quão doce será entrar no paraiso á sombra de um illuminado, ao som de uma lyra! Que pena não se *reencarnar*

LOTERIAS DA CAPITAL FEDERAL

Companhia de Loterias Nacionaes do Brazil

Extracções publicas sob a fiscalisação do Governo Federal, ás 2 1/2 horas e aos sabbados ás 3 horas á rua Visconde de Itaborahy n. 45

SABBADO, 18 DE SETEMBRO

A's 3 horas da tarde — 300 — 22.ª

100:000$000 Inteiros 8$000 — Decimos a $800

SABBADO, 25 DE SETEMBRO

A's 3 horas da tarde
309 — 35.ª

50:000$000

Inteiros 4$000 — Quintos a $800

SABBADO, 2 DE OUTUBRO

A's 3 horas da tarde — 309 — 36.ª

50:000$000

Inteiros 4$000 — Quintos a $800

N. B. — Os premios superiores a 200$ estão sujeitos ao desconto de 5 %.

Os pedidos de bilhetes do interior devem ser acompanhados de mais 500 réis para o porte do Correio e dirigidos aos agentes geraes NAZARETH & C., rua do Ouvidor n. 94 Caixa n. 817 Teleg. LUSVEL e na casa F. Guimarães, Rosario 71 esquina do Becco das Cancellas, Caixa do Correio n. 1273.